

Trepadas vibrantes: móveis de amor, brinquedos sexuais e como abordar objetos despudorados na história da arte

Marize Malta, Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Existem muitos objetos para proporcionar prazer. Brinquedos sexuais ou móveis para o amor podem ser usufruídos em relações conjuntas ou individuais. Servem para ampliar prazeres ou para completarem ausências. Partindo de objetos sexuais oitocentistas e chegando à contemporaneidade, propomos analisar como se desenvolveram em perspectiva histórica, refletindo sobre suas formas e sensações, tendo em vista que suas atuações, como objetos necessariamente de contato, itens multissensoriais, demandam outras formas de abordagem para além das teorias e metodologias canônicas da história da arte e das artes decorativas.

Palavras-chave: móveis de amor; brinquedos sexuais; história da arte multissensorial.

*

There are many objects to provide pleasure. Sex toys or love furniture can be enjoyed in group or individual relationships. They serve to amplify pleasures or to complete absences. Starting from nineteenth-century sex objects and arriving at contemporaneity, we propose to analyze how they developed in historical perspective, reflecting on their forms and sensations, considering that their actions, as necessarily contact objects, multisensorial items, demand other ways of approach for beyond canonical theories and methodologies of art history and decorative arts.

Keywords: love furniture; sex toys; multisensory art history.

A maioria dos estudos sobre erotismo recai em imagens ou narrativas ligadas ao sexo ou ao corpo nu, ou ainda a formas sugestivas para alimentar fantasias sexuais. Apesar de estimularem desejos e instigarem excitações corporais, são imagens de provocação, raramente de interação. Fotografias obscenas, decoração com falos, móveis entalhados com cenas de sexo, artefatos erotizados, semelhantes aos existentes em alguns bordéis da Belle Époque¹, são para despertar desejos pelo olhar. São formas que pontuam a relação entre o prazer real sexual e sua representação ficcional². Procurando ultrapassar essa prática voyeurista, sugerimos uma penetração no universo dos objetos eróticos que propiciam prazeres sexuais com sua materialidade.

A quantidade de objetos eróticos pelo mundo está longe de ser irrelevante. Desde o século III, relatos mencionam falos de madeira ou couro besuntados de azeite usados nos jogos sexuais³. Mas dificilmente estão visualmente acessíveis, expostos de maneira franca, ao lado dos demais objetos de arte, como se não fossem passíveis de reclamarem um olhar artístico, conformado a priori como um olhar pudico para certos procedimentos. Apesar de podermos encontrar arte erótica em museus e galerias, a maioria dos objetos para o sexo permanecem restritos a espaços recônditos, esclarecendo que imagens eróticas são até passíveis de se adentrarem em museus de arte, mas os objetos sexuais permanecem em outro patamar expositivo e fruitivo, em outra esfera de bio-poder⁴.

Existem muitos objetos para proporcionar prazer. Brinquedos sexuais ou móveis de amor podem ser usufruídos em relações conjuntas ou individuais. Servem para ampliar prazeres ou para completarem ausências. É preciso procurá-los, perguntá-los, desejá-los para que possam chegar à vista, às mãos, ao corpo. São objetos tabus, objetos malditos, alertando que os prazeres carnavais não devem ser explícitos porque moralmente mal vistos, ainda mais se o sexo for feito com objetos, considerados pervertidos, algo que devesse ser escondido, mesmo diante de sua incontornável presença, sobrevalorizando-o como segredo⁵. Quando expostos, costumam estar quase velados, na penumbra, caso da cadeira “de volúpia” (fig. 1) do príncipe de Galles, futuro rei Eduardo VII, filho da rainha Vitória, presente na exposição *Paris 1900, la Ville Spetacle*, ocorrida no Petit Palais em 2014.

¹ CANET, Nicole. *Décor de bordels, 1860-1946. Entre intimité et exuberance*. Paris: Éditions Galerie Au Bonheur du Jour, 2011.

² MUDGE, Bradford K. Romanticism, materialism, and the origins of modern pornography. *Romanticism on the Net*, n.23, Romanticism and sexuality, aug. 2001. Disponível em: <<http://id.erudit.org/iderudit/O05988ar>>. Acesso em abril de 2018.

³ PRECIADO, Beatriz. *Manifesto contrasexual*. Madrid: Prima, 2002.

⁴ Cf. FOUCAULT, Michel. *A História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

⁵ Ibid.



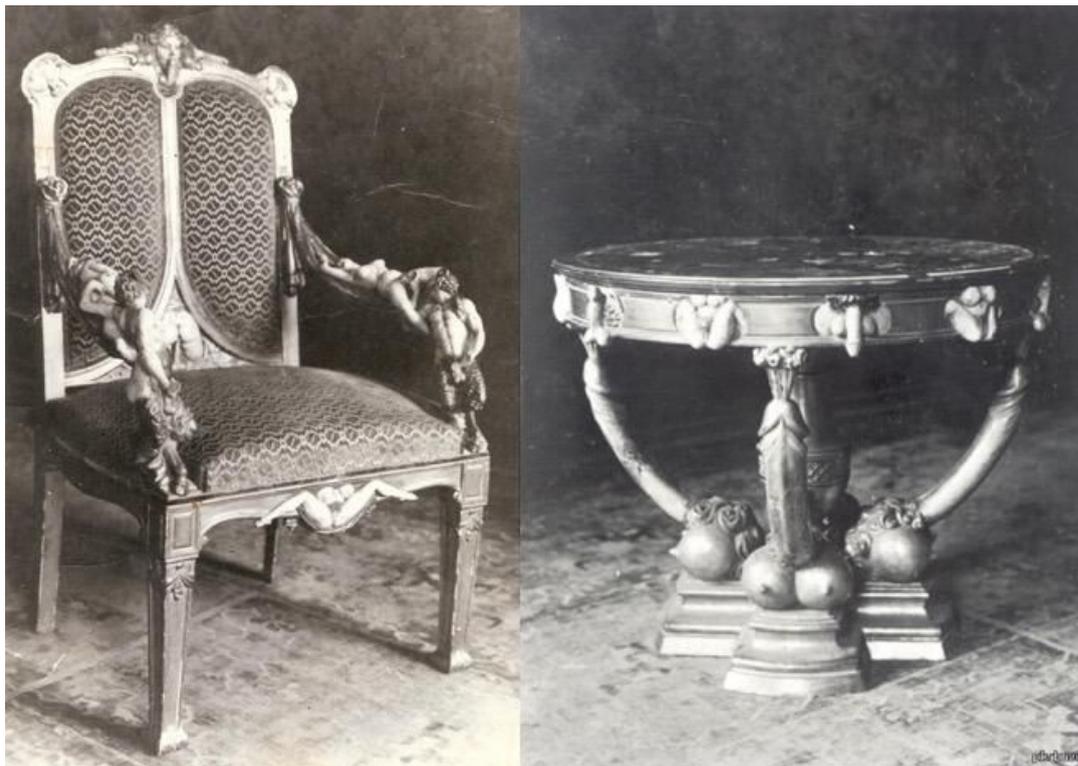
Figura 1 – Cadeira de Volúpia do príncipe de Galles. Exposição *Paris 1900, la Ville Spetacle*, ocorrida no Petit Palais em 2014. Fotografia da autora.

Em meio à exibição de muitas peças pelas paredes e vitrines, fartamente iluminadas, a cadeira “de volúpia” foi destinada a um ambiente reservado e escurecido, quase escondido, com paredes vermelhas escuras e luz mortíça, como em um artifício de veladura, em que não se pode ver abertamente nem claramente. A cadeira “de amor”, também assim chamada, foi realizada pelo renomado artífice Louis Soubrier, sob medida, para ser utilizada no prostíbulo parisiense Le Chabanais, um dos mais chiques de Paris de entresséculos, onde o príncipe, enquanto assíduo frequentador, possuía um quarto exclusivo. Em madeira esculpida e dourada, as curvas da sua estrutura auxiliam a manter os corpos em determinadas posições sexuais, com locais específicos para mãos e pés, que, devidamente apoiados, permitem o movimento preciso de penetração. A plástica das flores e curvas nas formas e na ornamentação da cadeira remetem ao gênero feminino, de ímpeto rococó, subjugado à posição de dominado, submisso à vontade do príncipe na devassidão dos seus desejos e prazeres. Salienta-se uma preferência de relação corporal, cujo contato visual e físico com o corpo feminino era quase restrito à perspectiva da vagina, conforme se configuram as camas ginecológicas nos consultórios médicos atuais, facilitando uma visualidade privilegiada e um coito em profundidade. Além da cadeira, havia uma banheira em forma de cisne e esfinge que jorrava champanhe antes de ser usada. Luxo e luxúria se transformavam em uma única forma de libertinagem plástica.

Uma outra cadeira de volúpia (147x159x63cm), do período de Napoleão III, foi anunciada à leilão pela Maison Mercier et Cie., em Lille, França, em abril de 2018, com cotação entre 12mil e 15mil euros, anunciando-se muito semelhante à do príncipe de Galles⁶. A decoração eminentemente floral em dourado sobre branco enfatiza uma delicadeza que contrabalança seu formato nada convencional para uma cadeira que, no século XIX, valia-se de diversos modelos para demarcar individualidades e hierarquias nos encontros sociais. Não é uma cadeira para se sentar e conversar com o comedimento próprio das demandas do bom tom. Ela só opera com, no mínimo, duas pessoas que assumem posições específicas exclusivamente para praticar sexo. A seda lavrada e o laqueado branco da madeira fornecem suavidade tátil aos corpos que dela se utilizam, ofertando posturas facilitadoras para uma luxúria de luxo, ambas palavras que implicam excessos, relacionadas a vigor, lascívia e exuberância. Mas se a luxúria é substantivo feminino, relacionada ao vício e desregramento, em oposição à castidade, o luxo é consoante ao masculino, próprio ao descomedimento material, o qual pode estar relacionado ao desejo de ostentação de um falo grande e potente, no excesso da sua ereção. O luxo, assim, demarca uma propriedade e, nesse caso, a posse do outro, ou seja, da outra, a luxúria.

De forma oposta, Catarina II da Rússia (1729-1796) criou uma habitação erótica no palácio de Tsárskoye Selo (atualmente Palácio Pushkin), para garantir sua própria luxúria. Descoberta por soldados alemães durante a Segunda Guerra Mundial, as cadeiras e mesa (fig. 2) de Catarina, a grande, foram por eles fotografadas e recriadas recentemente por Dominique Roitel, da fábrica francesa Henryot & Cie. Pernas arreganhadas, falos eretos, seios entumecidos, cenas de penetração e sexo oral materializam-se sobre estrutura neoclássica, com entalhes realistas e composições surreais, como uma arte sugestiva para o apetite sexual de Catarina, suportado por vários amantes e estimulado por seus móveis. Aqui a transgressão decorativa envereda para uma libertinagem feminina, abrindo uma fenda nas relações de poder entre luxo e luxúria, normalmente dominados pelo gênero masculino, pois somente aos homens era concedida a satisfação dos desejos, o alcance do gozo, o que garantia a fecundação, pois se acreditava que somente o sêmem masculino fosse responsável pela criação da vida e a mulher seria apenas um receptáculo para o desenvolvimento do feto.

⁶ MERCIER & CIE. *Grande vente cataloguée d'art classique. Dimanche, 15 avril 2018*. Lille: Mercier & Cie, 2018. Disponível em: <<http://www.mercier-art.com>>. Acesso em agosto de 2018.



Figuras 2 – Cadeira e mesa eróticas de Catarina II da Rússia. Rússia, século XVIII.

A luxúria era entendida como decoração essencial nos bordéis franceses das últimas décadas do século XIX e início de XX. Mesmo que motivos eróticos necessariamente não fossem utilizados de forma deliberada enquanto ornamento principal, predominavam ambientes fartamente decorados, a exemplo de *Le Chabonais*. O bordel mais suntuoso de Paris, inaugurado em 1878, ofertava três salões em estilos pompeano, rococó e japonês. Após o freguês escolher a prostituta da noite, encaminhava-se para um dos nove quartos, cada qual em uma linguagem diferenciada: Luís XVI, veneziano, turco, russo, mourisco, francês, indiano, japonês e espanhol, que alimentavam a imaginação dos desejos com geografias diferenciadas, garantindo caráter imaginativo às fantasias sexuais. Algumas pinturas murais foram realizadas por renomados artistas, como Charles Toché (salão Luís XV) e Toulouse Lautrec (salão pompeano), assim como certos móveis, a exemplo do quarto japonês, foram premiados na Exposição de 1900⁷. A fartura de têxteis, além de conferir uma atmosfera de intimidade e refúgio, abafava os sons vizinhos. Os espelhos e a iluminação refinada e ponderada cintilavam os dourados, as talhas, as pinturas, os estofados em seda, criando um cenário propício para o desfilarm das meretrizes, que atuavam conforme objetos da decoração e do desejo. Os espaços de luxo ostensivo discriminavam um lugar próprio para os excessos e o interdito consentido. Decoração excessiva e devassidão protegida eram encaradas como a combinação imoral ameaçadora dos bons costumes, tornando obscuras as histórias desses ambientes, dos móveis de amor e dos objetos para o sexo.

⁷ CANET, Nicole. *Décor de bordels, 1860-1946. Entre intimité et exuberance*. Op. cit., p. 44.

Nossa intenção é tirar esses objetos da obscuridade, ou luz mortíça dos bordéis e lugares secretos, trazê-los à exibição e perceber como se relacionaram com a consciência da materialidade do corpo real, e, portanto, ligada a questões de gêneros, enquanto compreensão de formas culturais e estéticas de intimidade e prazer, das anatomias do desejo e dos limites de regulação de decência. Diante do que é moralmente aceito, os objetos sexuais seriam um desmesuramento, um excesso da natureza sexual. Ao subverterem normas sociais e sexuais e de autoridades políticas e religiosas⁸, os limites entre erotismo e obscenidade, entre decorativo e performático, entre a regulação e liberação, entre objeto de desejo e sujeito desejante se confundem.

Em visitas a *sex shops*, podemos encontrar uma diversidade de objetos para esses fins, do mesmo modo que em museus de arte erótica, em galerias ou leilões específicos, os quais reúnem uma variedade de artefatos para o sexo, dos artesanais aos industriais, dos inertes aos cinéticos. Ao avaliá-los em perspectiva histórica podemos perceber como se desenvolveram, conforme facilitadores de posições sexuais ou como estimulantes e penetrantes corporais, cujas formas, atuações e tecnologias foram se atualizando conforme demandas de diferentes técnicas, pensamentos e condutas dos indivíduos no seu processo de subjetivação.

Com exceção de uns poucos, todos fazem sexo (ou já fizeram um dia). Esses objetos lembram dessa faceta do prazer humano corporal, incitando e excitando reflexões para além da relação corpo a corpo, na medida em que é um objeto o facilitador da excitação para o alcance do prazer e do gozo. Trata-se de uma objetificação do sexo para além das metáforas, no que comporta a presença de um objeto de interação para o prazer, adentrando-se pelo campo das críticas corporais que envolvem performers e espectadores ativos.

Ao se falar dos brinquedos eróticos, consente-se sua existência. Ao serem emudecidos, afastam-se seus comentários e sua percepção, ficando ao nível do indivíduo. Se não há legislação sobre uso de brinquedos sexuais, a princípio não haveria um controle sobre seus usos nem seriam vistos enquanto imoralidade, caso do incesto, do adultério, do estupro. Mas são velados, abrigados em locais especiais e moralmente inadmissíveis de serem vistos e usados em público. São da ordem da intimidade, mais do sentir do que de ver. Nessa perspectiva, são tomados como algo do privado para serem sentidos em intimidade, dificultando sua aparição pública e exposição ao olhar.

Tomando o olhar como o contrário do agir⁹, é preciso aproximar os inversos e desenvolver uma reflexão entre formas e sensações de objetos para o sexo, tendo em vista que suas atuações, como objetos necessariamente de contato, multissensoriais, demandam outras formas de abordagem para além das práticas

⁸ HUNT, Lynn. *The invention of pornography, 1500-1800. Obscenity and the origins of modernity*. New York: Zone Books, 1993.

⁹ RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. Lisboa: Orfeu Negro, 2010, p.9.

teóricas e metodológicas dos estudos canônicos da história da arte e das artes decorativas. Os falos antigos em marfim, madeira polida e osso eram os materiais naturais que permitiam confecção de formas que atuavam com confortável contato e deslizamento, face ao alto polimento, quase inodoros e de fácil limpeza, envolvendo mão-de-obra especializada e encomendas particulares, muitas vezes sob medida. Seu uso e comando por mulheres implicavam em rompimento de uma lógica sexual tradicional. A penetração por um homem, ato viril por excelência, não seria por si uma transgressão da natureza, enquanto assim o seria se fosse realizado por uma mulher, que usurparia o poder masculino, tomando abusivamente sua posição¹⁰.



Figura 3 – Falo de marfim. Presente de um marido à sua esposa. Fins do século XIX. Matthew Auction Rooms, Irlanda, 2017.

O período vitoriano foi farto em falos artificiais, muitos denominados de acompanhantes de senhoras (*ladies companion*), mesmo que a prática masturbatória ainda fosse vista como delito, pecado ou um vício secreto, independente do gênero¹¹, corroborada em algumas cenas flagrantes em fotografias realizadas para um público despudorado. Diversos se conformavam com detalhes realistas de formato e dobras de pele. Um desses modelos (fig.3), vendido em um leilão em Oldcastle, na Irlanda (Matthews Auction Rooms), em abril de 2017, supõe-se ter sido confeccionado na China em fins do século XIX e teria sido presente de um marido para sua mulher para compensar sua ausência durante a guerra. A peça, em marfim, ainda comporta um coração esculpido na base, onde o dedo da mulher tocaria ao usar o utensílio e um receptáculo para manter uma mecha do cabelo do marido¹². Muitos funcionavam, assim, como

¹⁰ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984. p.37.

¹¹ LACQUEUR, Thomas. *Solitary sex – A cultural history of masturbation*. New York: Zone Books, 2003.

¹² HOSFORD, Paul. A rare example of irish erotica goes on sale this week. *The Journal*, Dublin, Apr. 17th 2017. Disponível em: <<http://www.thejournal.ie/irish-erotica-ivory-dildo-3341344-Apr2017/>>. Acesso em: Agosto de 2018.

objetos compensatórios, acreditando-se no poder masturbatório para a manutenção de relacionamentos amorosos.

No processo de se ocupar de si, lida-se com prazer físico que dispensa o outro ou compensa uma ausência e reclama o suporte de um objeto para se dar o prazer de um sexo sozinho, mas não solitário, pois na medida em que o objeto age pela mão do próprio penetrado ou penetrante ou manipulador, sente-se o toque de uma outra coisa em si e por si, em uma experiência de se possuir, em que o sentir é mais relevante do que o ver. Como lembra Foucault, “a masturbação se mantém associada às quimeras da imaginação e a seus perigos; ela é a forma mesma de prazer fora da natureza que os humanos inventaram pra ultrapassar os limites que lhes foram atribuídos”¹³.

Se só nos vemos inteiro por reflexo, a pele nos faz sentir sem artifícios e subterfúgios, especialmente as mucosas que revestem as cavidades úmidas do corpo. Para acessar as mucosas é preciso penetrações, produzindo efeitos de profundidade e sensações interiores, podendo-se alcançar a mais íntima forma de existir, sentindo-se por dentro. Por outro lado, sob o ponto de vista do gênero feminino, não apenas a penetração garantia prazer, e mesmo não a desconsiderando, ela poderia dispensar um homem. Mulheres poderiam manipular falos-objetos como desejassem, possuindo-os e rompendo a relação dominado/dominante em um sexo binário heterossexual., libertando-se de uma submissão secular. As mulheres podiam explorar seus prazeres sem homens.

Além dos falos, havia estimuladores que se assemelhavam a instrumentos cirúrgicos ou ferramentas, sem atrativos visuais, mas competentes na sua atuação, a exemplo do massageador a vapor criado em 1869 pelo médico americano George Taylor para tratar das “desordens femininas”. De Hipócrates até a década de 1920, os médicos supunham que a histeria seria remediada com o tratamento da massagem genital, de modo a induzir o “paroxismo histérico”, ou seja, o orgasmo na paciente. Mas os médicos achavam o procedimento demorado e tedioso, sendo o estímulo manual substituído por dispositivo mecânico pelos médicos, de modo sistemático, nos anos de 1880¹⁴.

¹³ FOUCAULT, Michel. *Histoire de la sexualité 3. Le souci de soi*. Paris: Éditions Gallimard, 1984. p.165.

¹⁴ MAINES, Rachel P. *The technology of orgasm. “Hysteria”, the vibrator and women’s satisfaction*. Baltimore: John Hopkins University Press, 2001. p.1-20.



Figura 4 – Transformação dos vibradores femininos. De fins do Século XIX a inícios dos anos 1970. Acervo do Antique Vibrator Museum, São Francisco, Estados Unidos.

Enquanto as mulheres burguesas, rainhas do lar, procuravam curar suas descompensações vistas enquanto doença, as meretrizes não se furtavam de usar artefatos para ampliar prazeres dos fregueses, sejam as famigeradas algemas e chicotes, sejam brinquedos estimulantes ou poses para fotógrafos com objetos penetrados nos seus corpos. A elas consentia-se viver do prazer sexual deliberado, preferencialmente em reclusão, algo próprio de uma atitude despudorada de quem deve dar prazer mas também pode alcançá-lo, mesmo inadvertidamente.

O alcance do prazer sexual feminino precisou esperar a década de 1960 para se afirmar que os vibradores eram dispositivos sexuais e não apenas um tratamento para histerias. Com a indústria dos derivados do petróleo, os tradicionais consolos passaram a ser produzidos em série, em celuloide, imitando o marfim, e ainda auxiliados por partes em metal para encaixarem mecanismos de vibração, como os idealizados pelo médico americano Dr. Benjamin Boyd em fins do século XIX. Décadas mais tarde, os em PVC podiam ser feitos aos milhares, mas exalavam um cheiro desagradável de plástico, apresentavam certa porosidade, incapacidade de reter calor e sem condições de esterilização. Foi somente na década de 1970 que Gosnell Duncan, um paraplégico do Brooklyn, Nova Iorque, inventou o pênis de silicone, trazendo grandes avanços em termos de segurança, higiene e prazer para a indústria dos brinquedos eróticos.

Em São Francisco, Estados Unidos, há o *Antique Vibrator Museum* com peças de fins do século XIX até a década de 1970. Pode-se perceber, pela linha do tempo

fornecida pelo site do museu (fig. 4), o quanto os primeiros vibradores se pareciam com ferramentas masculinas, porque projetados por eles e concernentes à sua cultura visual androcêntrica, e como foram adotando linhas próximas aos eletrodomésticos, semelhantes a batedeiras e ferros de passar, também criados por designers masculinos, chegando, finalmente, a formatos mais atrativos, com semânticas abstratizantes, procurando sugerir nas formas as experiências táteis do seu desempenho em ação.

Em 1977 Joani Blanks abriu a loja *Good Vibrations* em San Francisco, Estados Unidos, que, apesar de não vender estritamente vibradores para o público feminino, transformou-se na primeira loja erótica feminista, integrante do movimento, reforçado por outras empresas similares, de liberação sexual das mulheres. Conforme discorre Lynn Comella¹⁵, professora e pesquisadora da Universidade de Nevada, a empresa ia ao encontro das demandas de ativistas feministas que advogavam a masturbação tão válida quanto o ato sexual e um modo eficaz de as mulheres conhecerem seus corpos, seus prazeres e ultrapassarem o mito do orgasmo vaginal. Os estimuladores de clitóris, em variadas versões, passaram a competir com os tradicionais pênis de plástico, ampliando a gama de dispositivos de prazer feminino (fig. 5).



Figura 5 – Vibrador clitoriano “C String Clitoris Vibrator Underwear”, DHgate, disponível em: <<https://www.dhgate.com>> e estimulador clitoriano “Sweet Release”, Vibrolandia, disponível em: <<https://www.vibrolandia.com>>.

As *sex shops*, então redutos eminentemente masculinos, tornaram-se mais atrativas às mulheres, aos gays, e transexuais, fornecendo workshops para instruírem seus clientes em diferentes estilos de sexo e demandando dos fabricantes brinquedos seguros e específicos para certas zonas do corpo. Forçando a especializações, a formas atrativas, cores diferenciadas e distintos desempenhos de prazer, acabaram por revolucionar tanto o uso dos brinquedos quanto a própria indústria do sexo. O sexo passava a ser falado e discutido

¹⁵ COMELLA, Lynn. *Vibration nation. How feminist sex-toy changed the business of pleasure*. Durham: Duke University Press Books, 2017.

porque “o sexo deseja se dizer, ele se deseja dito, nomeado, designado”¹⁶, mas não apenas em ficção, mas na sua potência de realidade corpórea e material, de experimento e gozo da liberdade de sentir prazer. Ao assumir a condição sexuada, assume-se a condição de ser mundo e de estar no mundo, de se configurar, de fazer figura uns aos outros e cada um a si, se dizer e se tocar e, assim, se existir, sexexistir, conforme salienta o filósofo Jean-Luc Nancy¹⁷, que desenvolve correlações entre linguagem, sexo e existência.

Nas décadas de 80 e 90 os empreendedores do orgasmo, a partir das mercadorias que ofertavam, desconstruíam expressões de uma normativa binária heterossexual, investindo em artigos que assumiam vários jogos possíveis entre corpos, ou em jogos individuais, buscando satisfazer diversas orientações sexuais. Mesmo que possamos encontrar em sex shops seções de brinquedos masculinos e femininos, os brinquedos adultos de contato com órgãos sexuais poderiam ser subdivididos em relação à sua atuação: os de penetração – vaginal ou anal, os para serem penetrados e os estimuladores (clitorianos, escrotais, etc.).

Todos os modelos implicam o toque com a pele e/ou as mucosas. Conforme Francisco Martín, o tato é “o mais primitivo dos sentidos, o menos modificado culturalmente, mas também o mais espalhado pela superfície do corpo, o mais generalizado”¹⁸. Em uso, os brinquedos sexuais anulam distâncias e visões em perspectiva, implicando intensa proximidade, trazendo à tona a relação entre pensar, apalpar, sentir. O corpo passa a pensar com a pele, a pele desejante. Martín novamente sentencia: “O desejo não se experimenta ou, no pior caso, não se sofre, mas pensa-se”¹⁹. A pele pensa.

Esses brinquedos para o sexo são objetos com desejos, desejos por satisfazer prazeres de outros, serventes dos corpos desejantes. São objetos materializados de fantasias, cujos inconscientes não lhes impõem censuras nem castrações. Na relação com brinquedos sexuais, não se possui o outro, mas a coisa. E é a coisa que pode possuir o prazer e possuir o corpo, sendo o sujeito possuído pelo objeto, sendo o objeto manipulado pelo sujeito ou por outro objeto-sujeito. Em uma relação sexual a dois, não há uma possessão plena, pois esta implica que o outro obedeça e consinta, tornando o possuidor dono de todo o corpo do outro²⁰. No jogo dos brinquedos eróticos, especialmente em casos de uso individual, a posse conduz à plenitude de si, pois governa-se e procede-se no comando de seu próprio corpo por intermédio de uma vontade intermediada pelo objeto.

Alguns produtos em forma de falo, em sua maioria, nos dias atuais, em silicone, nas mais variadas cores e tamanhos (fig. 6), podem simular a textura da pele ou usarem recursos com relevos (a exemplo do pênis espinhoso), todos com intuito

¹⁶ NANCY, Jean-Luc. *Sexistence*. Paris: Galilé, 2017. p 56.

¹⁷ Ibid.

¹⁸ MARTÍN, Francisco Javier San. Natural curiosities. In: Suzy Gómez. *In the dark sea. A minha mala*. Braga: Galeria Mário Sequeira, 2002. s.n.p.

¹⁹ Ibid.

²⁰ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Op. cit., p.36.

de promoverem sensações diferenciadas. O formato peniano realista compete com outras peças que procuram dar conta das fantasias dos consumidores, por meio de modelos de pênis duplo, que permitem penetração em duas pessoas ou em dois orifícios simultaneamente. Muitos ainda acolhem o artifício da vibração ou sucção, de modo a providenciar diferentes sensações. O falo, em alguns modelos, perde sua correspondência mimética e se configura a partir de outras semânticas que promovem diferentes sensações de penetrações, assumindo cada vez mais sua conformação como objeto, brinquedo, coisa de diversão.



Figura 6 – Variações de dildos presentes no mercado recente: dos realistas aos alienígenas e artificiosos. Sex toy shop “Brutual Dildos”. Disponível em: <shop.brutaldildos.com>.

Atualmente, procurando ultrapassar a exclusividade de venda de brinquedos sexuais em lojas de produtos eróticos, o designer libanês Marc Dibeh criou uma luminária intitulada *Love the Bird*, onde se encaixa um vibrador, disfarçado com um passarinho vermelho na sua extremidade, permitindo assim ofertá-lo em lojas de decoração. Ao se retirar o passarinho do orifício, a luz branca se apaga, criando um ambiente intimista e provocativo sob a luz vermelha que se acende. O erotismo implica também criar uma atmosfera de volúpia para a atuação do objeto.

Se erotismo é aquilo que se opõe ao útil, conforme Bataille, os brinquedos eróticos são utilidades para o inútil, porque é no exterior que se busca o objeto do desejo que alimenta a “interioridade do desejo”²¹. Esse desejo não se desenvolve pela visualidade, mas pela pele, porque o que temos de mais profundo na nossa superficialidade corporal é a pele. A situação de superfície friccionada com superfície desperta sensações normalmente inoperantes apenas com o olhar. O olhar funciona como promessa de satisfação, especialmente quando já se experimentou na pele.

Como um movimento de penetração em ato sexual com a presença de um pênis, natural ou fantasioso, em que se tira e põe, sem se tirar totalmente, podemos fazer relações com o campo da história da arte, atualmente se retirando, sem totalmente deixar de se meter com suas seduções, para com os flertes com

²¹ BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p.53.

outras áreas disciplinares. Menos pudica, a disciplina tem se lançado a atitudes despudoradas e revê suas idiossincrasias desejanter. Para alguns historiadores que assim a entendem, foi preciso romper com a distância do corpus de outras disciplinas para se permitir seduzir com a alteridade dos prazeres. Daniel Miller, tratando de teorias das coisas, lembra que “os objetos obscurecem seu papel e parecem irrelevantes”²². Os brinquedos sexuais e os móveis de amor estão longe de serem insignificantes. As coisas também fazem as pessoas e dizem delas e, neste caso, de seus mais íntimos desejos ao longo dos tempos, de uma parte de si. Uma vez que os dizemos e começamos a compreendê-los nos reconciliamos com eles, coisas externas que provocam a consciência do que existe dentro de nós e fora, pela pele.

Sentimos na pele e com a pele. Talvez seja preciso que a história da arte feche um pouco os olhos para poder experimentar com sua pele e entregar-se ao prazer com os objetos, que, ao serem penetrados em suas carnes, façam-na despudorada pele desejanter de outras peles e possa aprender a ver pela pele.

Adendo:

Como lembra Roberto Freire, “sem tesão não há solução”. No famoso livro, com três ensaios, o psiquiatra trouxe à tona a ideia de paixão libertária pelo prazer, pela beleza e alegria de viver e a importância de um ser desejanter pelo que o anima e encanta. A palavra tesão, geralmente relacionada à excitação sexual, ganhou novos contornos, de certo impulsionados pela prática sexual da juventude como forma de ultrapassagem das amarras sociais e políticas de então, situação de patrulhamento e repressão que parece estar contaminando novamente o presente... O tesão e o orgasmo dão prazer, alegria, satisfação quando os desejos se libertam, e, diante do que Freire demarcou, não há nada mais incômodo e perturbador para uma sociedade autoritária e sob a ideologia do sacrifício e do moralismo hipócrita do que uma mulher e homem alegres, satisfeitos de si, conscientes de seus corpos, pensamentos e atitudes, libertos no seu tesão, porque só o prazer dá o sabor da vida. E é com prazer que se resiste. Seja com objetos, sozinhos ou com parceiros, o prazer poderá garantir nossa sobrevivência e resistência. Diante do que Freire sugeriu no término do livro, como uma profecia anarcoecológica, em forma de manifesto: “Tesudos de todo o mundo, uni-vos!”.

Referências

ANTIQUÉ VIBRATOR MUSEUM. Disponível em:

<http://antiquevibratormuseum.com/index.html#>. Acesso em: julho de 2018.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

²² MILLER, Daniel. *Trecos, troços e coisas. Estudos antropológicos sobre a cultura material*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. p.79.

BOURGERON, Jean-Pierre. *Les masques d'Eros. Les objets erotiques de collection a systeme*. Paris: Les Éditions de l'Amateur, 1985.

CANET, Nicole. *Décor de bordels, 1860-1946. Entre intimité et exuberance*. Paris: Éditions Galerie Au Bonheur du Jour, 2011.

COMELLA, Lynn. *Vibration nation. How feminist sex-toy changed the business of pleasure*. Durham: Duke University Press Books, 2017.

ESQUIROL, Josep Maria. *La resistencia íntima. Ensayo de una filosofía de la proximidade*. Barcelona: Acanalado, 2015.

FERMETURA DU MUSÉE DE L'EROTISME À PARIS. *RFI*, Paris, 05 nov. 2016. Disponível em:

<http://www.rfi.fr/france/20161105-fermeture-musee-erotisme-paris>. Acesso em março de 2018.

FOUCAULT, Michel. *A História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. *Histoire de la sexualité 3. Le souci de soi*. Paris: Éditions Gallimard, 1984.

_____. *História da Sexualidade 3 - o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

FREIRE, Roberto. *Sem tesão não há solução*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

GREGORI, Maria Filomena. Usos de sex toys: a circulação erótica entre objetos e pessoas. *MANA, revista de Antropologia Social*, Rio de Janeiro, n.17 (2), p.313-336, 2011.

HOSFORD, Paul. A rare example of irish erotica goes on sale this week. *The Journal*, Dublin, Apr. 17th 2017. Disponível em:

<http://www.thejournal.ie/irish-erotica-ivory-dildo-3341344-Apr2017/>. Acesso em: Agosto de 2018.

HUNT, Lynn. *The invention of pornography, 1500-1800. Obscenity and the origins of modernity*. New York: Zone Books, 1993.

KENDRIK, Walter. *The secret museum. Pornography in modern culture*. Berkeley: University of California Press, 1997.

LACQUEUR, Thomas. *Solitary sex – A cultural history of masturbation*. New York: Zone Books, 2003.

LIEBERMAN, Hallie. *Buzz: a stimulating history of the sex toy*. New York: Pegasus Books, 2017.

MAINES, Rachel P. *The technology of orgasm. "Hysteria", the vibrator and women's satisfaction*. Baltimore: John Hopkins University Press, 2001.

MARC DIBEH. Disponível em: <<https://marcdibeh.com>>. Acesso em agosto de 2018.

MARTÍN, Francisco Javier San. Natural curiosities. In: Suzy Gómez. *In the dark sea. A minha mala*. Braga: Galeria Mário Sequeira, 2002.

MATTHEWS AUCTION ROOMS. Disponível em:

<http://matthewsauctionrooms.com>. Acesso em: agosto de 2018.

MERCIER & CIE. *Grande vente cataloguée d'art classique. Dimanche, 15 avril 2018*. Lille: Mercier & Cie, 2018. Disponível em: <<http://www.mercier-art.com/html/index.jsp?id=90207&np=1&lng=fr&npp=150&ordre=&aff=1&r=#lot167>>. Acesso em agosto de 2018.

MILLER, Daniel. *Trecos, troços e coisas. Estudos antropológicos sobre a cultura material*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MUDGE, Bradford K. Romanticism, materialism, and the origins of modern pornography. *Romanticism on the Net*, n.23, Romanticism and sexuality, aug. 2001. Disponível em: <http://id.erudit.org/iderudit/O05988ar>. Acesso em abril de 2018.

NANCY, Jean-Luc. *Sexistence*. Paris: Galilé, 2017.

ORELL, Rita Catinella; SCUDERI, Jason. *Objects of desire: a showcase of modern erotic products and the creative minds behind them*. Lancaster: Schiffer Publishing, 2016.

PEDROSA, Adriano; MESQUITA, André (orgs.). *Histórias da sexualidade: antologia*. São Paulo: MASP, 2017.

PRECIADO, Beatriz. *Manifesto contrasexual*. Madrid: Prima, 2002.

RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. Lisboa: Orfeu Negro, 2010.

REIS, Lorena Mochel. *Prazeres, pudores e poderes: a invenção do erotismo nos bastidores de um sex shop*. Rio de Janeiro, 2014. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Centro de Ciências Sociais, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2014.

WILLIAMS, Linda. *Hard core: power, pleasure and the "frenzy of the visible"*. Berkeley: University of California Press. 1999.

_____(ed.). *Porn studies*. Durham: Duke University Press, 2004.